

A caça à Alice em 7 crises

Adriana Medeiros Peliano¹

Resumo

O leitor acompanha as transformações de Alice através das artes visuais, das ilustrações vitorianas à arte contemporânea, passando pelo surrealismo, os filmes da Disney e as Gothic Lolitas. Nesse percurso, surgem novas articulações entre texto e imagem que enfatizam a multiplicidade de leituras que a obra de Lewis Carroll dá passagem. Ao invés da pergunta “Quem é Alice?”, hoje existem caminhos que desbravam novas possibilidades do que Alice pode vir a ser.... Esse artigo é uma caça por Alice em suas metamorfoses e devires.

Abstract

The reader follows the transformations of images of Alice through visual arts, from Victorian illustrations to the contemporary, visiting surrealism, Disney movies and Gothic Lolitas along the way. New dialogs between text and image emphasize the multiplicity of readings Lewis Carroll stimulates: intertextuality, metalanguage, multiple assemblies, nonlinear narratives. The hunt for Alice encompasses her becomings and metamorphoses inside and outside of Wonderland.

PALAVRAS-CHAVE: Alice no país das maravilhas; Lewis Carroll; artes visuais; ilustração.

KEYWORDS: Alice in wonderland; Lewis Carroll; visual arts; illustration.

¹Designer e artista visual. Mestre em “New Media Arts” pelo Kent Institute of Arts and Design, Inglaterra, e Mestre em “Estética e História da arte” pela USP com a dissertação *Através do Surrealismo e o que Alice encontrou lá*. Fundadora e presidente da Sociedade Lewis Carroll do Brasil.

1. Rio

Alice foi criada na barca do sonho, num espelho líquido, seguindo o movimento do desejo, da imaginação e da curiosidade. Nasceu sobre o rio com seus duplos e reflexos, na correnteza e na contracorrente, na geometria de risos e estranhos paradoxos. “Um livro a gente não lê; a gente se precipita nele. Ele está, a todo instante, em torno de nós” (MANGANELLI, 2002, p.116). Sentada nas margens, Alice iria se perguntar: e de que serve um livro sem figuras e nem diálogos? Faz de conta que Alice tenha sido mesmo o livro mais ilustrado de todos os tempos. Isso nos mostra que continuamos respondendo a pergunta que Alice não fez: e de que serve um livro com figuras e com diálogos?

Menina rio, Alice transita entre labirintos onde se perde e se encontra em ritmos misteriosos. O grande paradoxo que percorre as aventuras de Alice, diz Deleuze (1974, p.3), é a perda do nome próprio, identidade infinita, eterno devir. Quando a lagarta pergunta para a menina, quem é você? Alice não sabe a resposta. “Eu sei quem EU ERA mas tenho me transformado várias vezes desde então” (CARROLL, 1980, p. 69). Num paradoxo Alice diz que não, mas também diz que sim: sei que sou contínua transformação. Como Alice, quando parece que sabemos quem somos, já somos outros, e o que achamos que somos é o que um dia fomos. E o mundo que conhecemos já é outro a cada instante. Menina que nasceu no rio de Heráclito, que sabe que o ser e o não ser conversam todo tempo, num eterno ciclo de se criar a todo momento.

Quando Alice diz que só sabe quem foi, diz que estamos sempre em movimento. E quando foi ilustrada por John Tenniel na Inglaterra vitoriana, inaugurou uma tradição de Alices que seguiram o seu caminho². Mas Alice já não é mais a Alice vitoriana, mas o caleidoscópio vivo de todas as possibilidades³. Quantos artistas foram, de fato, movidos pela necessidade de superação dos modelos estereotipados da menina e seu mundo surpreendente, e pela procura por novas aventuras de linguagem? Ao invés da pergunta: quem é Alice, hoje desdobram caminhos para quem Alice pode vir a ser...

Através do século XX, o conceito de ilustração sofreu transformações profundas em diálogo com as mudanças radicais nas artes visuais, como mostra Renée Hubert (1988). Os artistas romperam as fronteiras entre o mundo exterior e as experiências da mente, questionando a ideia de uma abordagem mimética para a ilustração. As transformações no universo das artes e da contra-cultura foram recriando as experiências da menina no corpo a corpo como o mundo dos sonhos e do maravilhoso.

²OVENDEN, Graham; DAVIS, John. **The illustrators of Alice in Wonderland**. London: Academy Editions. New York: Martin's Press, 1979.

³Misturo aqui as duas Alices de Carroll de propósito, já que não estou falando do livro mas das Alices que viajam e se desdobram em múltiplas viagens em diferentes mídias e linguagens.

No final do século, o espelho de Alice explodiu em milhares de pedaços, proliferando no imaginário coletivo novas meta-alices numa ampulheta mágica e *nonsense*, caleidoscópio de *aliciações*.

Os artistas e ilustradores foram levados a descobrir ou inventar novas relações entre texto e imagem. A identidade do tema era subvertida pela atração pelo desconhecido e pelo inexplicável. O ilustrador passou a provocar e transgredir ao invés de repetir. Questionaram a ideia clássica que a arte devia imitar ou interpretar a realidade exterior. Passaram a buscar também a subversão, o paradoxo e a experimentação⁴. Hoje, se habita a alteridade e a diferença. Leituras intertextuais, metalinguagem, montagens múltiplas, narrativas não-lineares. Abracadabra.

Desde o início do século passado, cada década criou, nas diferentes visões e estilos, as suas próprias Alices. ArtNouveau, Art Déco, Surrealista, Pop, Psicodélica, Futurista, Gótica, Nãif, Étnica, Dark, Steampunk, surrealista pop. Alice é uma menina doce e ingênua, uma feminista questionadora, uma pequena perversa, uma assassina louca e sanguinária, uma adulta drogada, uma buscadora de mundos além da consciência, uma psicodélica delirante, uma guerreira de espada e armadura, múltipla e mutante.

Salta da ilustração para a arte, para o cinema, para a moda, para a animação, para os jogos, para os quadrinhos, para a mistura que, hoje, reina e que pede outras compreensões. E todas convivem nos nossos tempos *aliciados* de misturas e mil costuras e trânsitos por múltiplas redes. Não conheço outra menina com tantas faces, viajantes de mundos imaginários, trazendo consigo os paradoxos que desafiam o bom senso e o senso comum. Um livro que não se encaixa em nenhuma figura ou explicação, mas que prolifera possibilidades de criação.

“Vivemos na cultura imagética da colagem e da montagem, da velocidade e da voracidade: uma imagem devora a outra velozmente, transformando-se em outra imagem, também pronta para ser devorada”, aponta Norval Baitello (BAITELLO, 2000, p. 2). As imagens nos seduzem e nos absorvem, mas na perda da capacidade de criar vínculos consistentes e relações de sentido, de devoradores indiscriminados de imagens, passamos a ser, pelas milhares de Alices, devorados. Coma-me. Nós nos perdemos em desertos labirínticos e ao invés de ver sempre o outro no mesmo, Alices diferentes a cada leitura, nos fixamos na triste aventura de ver sempre o mesmo no outro, nada vemos de novo nas milhares de Alices que nos circulam. Decifra-me ou te devoro.

A estória de Alice já é tão conhecida que passa a ser fragmentada, repetida, deslocada, desconstruída, mastigada pelos artistas de toda parte e toda arte. Com seu pescoço de serpente, Alice navega entre identidades híbridas, misturas, contrastes, estranhezas, mercadorias, gato por lebre e bobagens que todo mundo compra e acredita sem saber por que. Ela se aventura para o novo e olha para trás para recriar-se de novo. E assim é Alice. Alice é todas e é nenhuma e ela se estica como

⁴HUBERT, Renée Riese. *Surrealism and the book*. University of California Press, 1988.

o maior caleidoscópio jamais visto. Adeus pés!

Alice passeia pelas margens e entrelinhas, peregrina das fronteiras, viajante do desconhecido, mas também das frases feitas, dos clichês, do lugar comum, das distorções e simplificações baratas que insistem em empobrecer a vida e a arte. Ao percorrermos as paisagens de Alice, percorremos também nossas paisagens interiores. Novas Alices aprendem que “não existe um caminho, o caminho se cria ao andar” (MACHADO apud MACHADO, 2004, p.63.).

Alice é convite para a duplicidade (“... e essa curiosa menina adorava fingir que era duas pessoas...”) (CARROLL, 1980, p.46), a multiplicidade (“e começou a pensar em todas as meninas que conhecia para ver se tinha se transformado em alguma delas...”) (CARROLL, p.49), o devir (“...eu sei quem eu era, mas tenho mudado varias vezes desde então”) (CARROLL, p.69) e a perda do nome próprio (“esse é o bosque aonde as coisas não tem nome, o que vai ser do meu nome quando eu entrar?”) (CARROLL, p.165). Devemos criar novas linguagens para dar passagem para novas Alices mais sensíveis aos devires sutis e livres...

Mcluhan reconheceu que Lewis Carroll olhou através do espelho e encontrou uma espécie de espaço-tempo do homem eletrônico. Antes de Einstein, Carroll já havia penetrado o universo ultrassofisticado da relatividade. Cada momento em Alice, tem o seu próprio espaço e o seu próprio tempo. E a fragmentação do tempo em uma multidão de pequenas frações do presente junta-se à fragmentação do espaço em um caleidoscópio colorido e transfigurado. Pedacos de Alices do mundo inteiro se entregam as tarefas de viver, de comer, de beber e se envolver em um banquete sem fim e em suas potencialidades infinitas.

Num dialogo com Alice e seus labirintos, Maria Zilda da Cunha e Nathália Xavier Thomáz captaram os fluxos da menina em suas metamorfoses, hibridismos e metalinguagem. Além disso, perceberam modos de conexão como cadeias de pensamentos, “que ao fim e ao cabo, entre o risco e o rigor, em seu fluxo, enuncia e denuncia, por outro universo do absurdo, o absurdo de determinadas regras e valores instituídos por sistemas criados para regerem a vida do homem.”⁵

Para que continuar vivendo como Alice sentada na mesa posta do chá emburrada e calada como Tenniel nos mostra? O que buscamos, hoje, são maneiras de ficarmos amigos do tempo, criarmos novos tempos (como sugere o chapeleiro) e nos libertarmos dos rituais que aprisionam, repetitivos e sem sentido. Esse é um convite para as novas Alices. Alices nômades e mutantes, múltiplas e simultâneas. Marcel Duchamp disse que *o artista, tal como Alice no país das maravilhas, tinha que atravessar o espelho da retina para alcançar uma expressão mais profunda.*

⁵CUNHA, Maria Zilda da e THOMÁZ, Nathália Xavier. *Revista sete fios*. Disponível em: <<http://www.revistasetefios.com.br/?p=3138>>. Acesso em: 10 Ago. 2011.

2. Subterrânea



Figura 1: Lewis Carroll

A amizade entre Lewis Carroll, suas amiguinhas e Alice Liddell também nos ensinam sobre a amizade com o tempo. Entre cartas de amor, piqueniques, passeios de barco, risos, jogos, poses, fantasias, olhares enigmáticos, fotografias, sonhos maravilhosos, a história da estória de Alice trás o chamado amoroso para a aventura e o mistério, para o afeto e o desejo. Somos convidados a viajar por mundos impossíveis sem sair do lugar.

Nas ilustrações do manuscrito⁶, Alice é afetiva, espiritual e espontânea, mas também angustiada e melancólica. Ela ecoa mitos românticos do pré-rafaelismo e brilha entre um mundo lógico e um mundo mágico. Ao mesmo tempo, vislumbramos seres híbridos e metamórficos, que invocam bestiários fantásticos e seres grotescos. Não estariam esses desenhos entre os precursores dos bestiários surrealistas, entre mundos oníricos e monstros fabulosos?

Mas quando a obra foi publicada em Londres, foi ilustrada por John Tenniel, famoso ilustrador do Punch, periódico vitoriano, caricaturista que criou as ilustrações das primeiras edições de Alice no país das Maravilhas (1865) e Alice através do Espelho (1872). Ainda é comum a crença de que,

⁶Acessível em: <http://www.bl.uk/onlinegallery/ttp/alice/accessible/introduction.html>

raramente, um autor foi tão bem servido por um ilustrador como Lewis Carroll foi por John Tenniel, mesmo que a obra já tenha sido ilustrada por milhares de artistas em todo mundo desde então.

Ainda confundimos as figuras e o texto que parecem contar juntos a mesma história. Perdemos, muitas vezes, a noção de que se as figuras são de fato fiéis ao texto ou se criamos, a partir delas, um novo texto. Pode existir, de fato, fidelidade entre figuras e textos com os das Alices? Será que Alice de Tenniel continua sendo a mais perfeita ilustração da obra para um olhar contemporâneo?



Figura 2: John Tenniel

Quem desafia a Rainha tirânica passivamente de braços cruzados?



Figura 3: John Tenniel

Quem enfrenta um gato louco e busca novas direções a seguir segurando as mãos para trás?

Se me projeto empaticamente nas Alices de Tenniel, como neurônios no espelho, me sinto uma menina vitoriana domesticada e contida, que não sujaria o vestido, não se jogaria no poço, não se desdobraria em serpente para conhecer seus perigos, não pensaria em comer morcego. (Essas Alices que estão no texto não aparecem nas figuras de Tenniel). A Alice de Tenniel quase não muda e aprendemos com Tenniel que Alice acorda no final do livro e continua a mesma. Será?

Alice não se transforma, Alice é transformação. Quantas aventuras ainda viveria, quantos caminhos escolheria, quantas ainda viria ser? Se a vida é sonho, Alice não tem como acordar, senão despertar. Não se trata apenas do que estava escrito, mas de ouvir que nós mesmos somos outros a cada leitura e conosco nascem novas Alices. Alice extravasa as bordas do livro e vai viver múltiplas aventuras entre constelações de sonhos, pensamentos e afetos. A Alice de Tenniel senta emburrada na mesa do chá, sem vontade própria. Ao mesmo tempo, todos aqueles que insistem em reproduzir as fórmulas e o lugar comum continuam presos no ritual repetitivo da hora do chá. Muitas Alices de hoje se desdobram em novas linguagens e figuras, despertando em diferentes artes, ganhando vida própria nas tessituras da cultura. Amigos de novos tempos, de que Alices somos capazes? Entre leituras e releituras, cometo a ousadia de selecionar 42 artistas em sete grupos onde procuro:

Alices enigmáticas que desestabilizam o lugar comum e sugerem novos caminhos de leitura: Alain Gauthier, Dusan Kállay, Jonathan Miller, Martin Barooshian, Nicole Claveloux e Unsuk Chin.

Alices metalinguísticas que refletem sobre a linguagem e desafiam os padrões de representação da obra: Abelardo Morell, Anthony Browne, Catherine Anne Hiley, John Vernon Lord, Ralph Steadman, e Suzy Lee.

Alices conceituais que vivem entre labirintos e paradoxos: Randy Greif, lassen Ghiuselev, Julia Gukova, Luiz Zerbini, Oleg Lipchenko e Sergey Tyukanov.

Alices que cruzam fronteiras intertextuais e visitam personagens de outras histórias: Alice chegou ao Brasil graças a Monteiro Lobato, que fez as primeiras traduções da obra, além de ter convidado a menina a visitar o Sítio do Picapau Amarelo em algumas de suas histórias.

Alices de corpos metamórficos, desafiando identidades híbridas e sonhos eróticos: Arlindo Daibert, Kaneko Kuniyoshi, Nicoletta Ceccoli, Tania e Tatiana Ianovskaia, Tanya Miller e Vince Collins.

Alices que se aventuram no mundo do sonho e do maravilhoso, propondo jogos mágicos e lúdicos: DeLoss McGraw, Elena Kalis, Kokusyoku Sumire, Maggie Taylor, Phoebe in Wonderland, Casas de chá temáticas em Tóquio onde visitamos mágicos mundos.

Algumas Alices que se aventuram em pesadelos e sombras e desafiam as fronteiras da mente e do inconsciente: Alice mcGee, Anna Gaskell, Camille Rose, Dark Marchen Show, Jan Svankmajer e Trevor Brown.

Quais serão amigos do tempo que ao invés de reproduzir padrões repetitivos, criam novas viagens em diálogo com a obra e os desafios dos novos tempos? Como criamos nosso tempo?

3. Maravilhoso



Figura 4: Salvador Dalí

Em sua viagem, Alice se perdeu em labirintos imaginários até que chegou na galeria de arte chamada GRADIVA criada por Andre Breton. Ela viu seu nome na porta, entre os de outras musas surrealistas. Leu então um trecho do folheto da galeria: “Do livro de imagens infantis para o livro de imagens poéticas”.⁷

Alice viu que o surrealismo transportou a menina vitoriana para o livro de imagens poéticas. Foi

⁷*Do livro de imagens infantis para o livro de imagens poéticas. Na ponte que liga o sonho à realidade. Na fronteira entre a utopia e a verdade.* Breton inaugurou a Galeria Gradiva com um folheto dedicado ao ideal surrealista de feminilidade, em que se lia esse trecho citado. BRADLEY, Fiona. **Surrealismo**. São Paulo: Cosac&Naify, 1999, p.49.

quando ela viu um sorriso pairando no ar que falou: “As aventuras de Alice dentro da toca do coelho ou através do espelho encorajam a procurarmos outras brechas para penetrarmos no maravilhoso” (MABILLE, 1998, p.9).

Lewis Carroll deixou a porta do sonho entreaberta. Alice atravessou e adentrou em um labirinto de espelhos, um jogo sem fim, projeções de si mesma criadas por artistas surrealistas. Musa surrealista, esfinge, *femme enfant*, Alice se desdobra em visões múltiplas de um mito moderno. Alice cruza portais para o desconhecido, mergulhos no inconsciente, ritos de passagem, revelação de um feminino sibilino e arcaico e se mistura em paisagens de um mundo em ruínas, nos ecos e fantasmagorias dos pesadelos da guerra e do raio de um novo mundo.

Carroll era uma leitura e uma referência amplamente compartilhada pelos surrealistas. Ele era lido por Paul Eluard, Gisele e Mario Prassinos, Guy Levis Mano, Max Ernst, Dorothea Tanning, Leonora Carrington, Henri Parisot, Frédéric Delanglade, Toyen, René Magritte e Salvador Dali, entre outros. Max Ernst iria ilustrar algumas obras de Lewis Carroll, além de ter confessado que era o seu segundo escritor predileto depois apenas de Lautréamont.⁸ Entre os surrealistas, Salvador Dali, Magritte, Max Ernst, Dorothea Tanning, Leonora Carrington, Toyen, Hans Bellmer, entre outros recriaram esse monstro fabuloso que acreditava ser uma menina.

Continuando sua jornada, Alice cruzou um portal e se deslumbrou com uma série de gravuras de Salvador Dali⁹ que mostravam suas aventuras no país das maravilhas. Ela se converteu num vulto misterioso que atravessava, pulando corda em uma paisagem repleta de obsessões dalinianas. Como os relógios moles da série “persistência da memória”. O relógio se convertia na mesa do chá do chapeleiro louco, quando o tempo enfurecido parava de funcionar às seis horas da tarde. Relógio, cogumelo, lagarta, borboleta, cartas, as formas se diluem, se misturam e se transformam a todo momento. Viajante do mundo dos sonhos, Alice descobriu estupefata que tudo estava em constante fluxo criador.

Se os relógios revelam a mecânica da medição do tempo linear, os relógios moles remetem para o tempo relativo e o universo da memória e do prazer. Do surrealismo à arte contemporânea, ela perdeu a figura e ganhou novos diálogos. Alices surrealistas são corpos em metamorfose e devir, num espaço do sonho e do maravilhoso. Alice de Dali dá passagem para a presença fantasmagórica e caleidoscópica de Alices duplas, múltiplas e sem nome no imaginário contemporâneo. Alice de Dali abre caminhos para novas Alices, que fazem novas perguntas para o sorriso sem Dali pairando no ar.

⁸Para saber sobre a presença de Lewis Carroll no surrealismo, recomendo a leitura de NIÈRES-CHEVREL, Isabelle. “Alice dans La mythologiesurrealiste”. In: MARRET, Sophie. **Lewis Carroll et les mythologies de l'enfance**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005, p. 153-65.

⁹Acessível em <http://brasillewiscarroll.blogspot.com/2010/04/alice-por-salvador-dali.html>

4. Monstro fabuloso

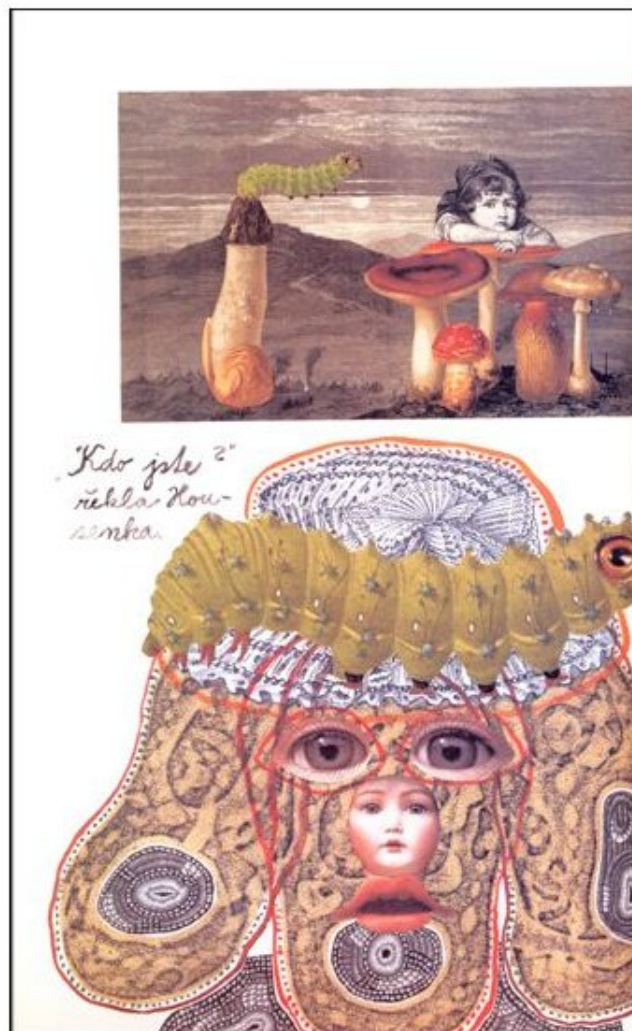


Figura 5: Jan Švankmajer

Alice foi visitar o surrealista tcheco Jan Švankmajer que ilustrou os dois livros de Alice numa rara e estranha edição japonesa (CARROLL, 2006). Suas figuras ultrapassam os limites da ilustração convencional criando relações inesperadas entre figuras e diálogos. São colagens que reinventam o mundo imaginado por Lewis Carroll, propondo novos enigmas e paradoxos numa viagem surrealista.

A obsessão da metamorfose se tornou uma necessidade violenta e animalesca, abalando os limites da natureza humana, levando “um homem a afastar-se de repente dos gestos e das atitudes exigidas pela natureza humana” segundo Bataille (Apud MORAES, 2002, p.87). Alice viu nos monstros

surrealistas que a subjetividade não era aquele lugar seguro e estável que fizeram que ela acreditasse. Alice se viu inserida na selva imaginária das esfinges e quimeras, entre colagens que apresentavam identidades múltiplas que emergiam de mundos subterrâneos, estranhos e arcaicos. Sua figura se montava e desmontava, se metamorfoseava entre imagens de biologia e botânica, bonecas, ilustrações vitorianas e símbolos sexuais. Duplos, múltiplos, devires.

Nas palavras valise do Jabberwocky, moravam um bestiário de seres como as lesmolisas, pintalouvas e momirratos. Palavras e colagens se convertiam para Švankmajer em monstros colagem, seres híbridos e enigmáticos. O corpo de Alice era instável e mutante, um quebra cabeças sem resposta certa. Alice é valise de impossíveis. Quando a lagarta pergunta para Alice *quem é você?*, Alice de Švankmajer é desenho, é boneca, é cogumelo, é renda, é textura, é pulsação. Lagarta e Alice se encontram num élan vital na potência do vir a ser.

Alice continuou e assistiu a fragmentos do filme de animação experimental de Švankmajer que revelou dimensões insuspeitadas sobre ela mesma. Grande parte da animação era desenvolvida através de uma mistura explosiva de *stop motion*, objetos e uma ampla variedade de objetos surreais e corpos híbridos e bizarros. Seus personagens podiam ser interpretados por máquinas, meias, argila, bonecas e brinquedos antigos, carnes, até esqueletos e corpos de restos de experiência de taxidermia. Os cenários eram ruínas, paisagens decadentes e subterrâneos, transformados numa atmosfera sombria e decadente.

Švankmajer adaptou a história de Carroll segundo um diálogo pessoal com o mundo dos sonhos da sua própria infância, um mundo habitado por desejos, sexualidade latente, medos, ansiedades, angústias e obsessões. Somos também confrontados com nossa própria infância, nossas próprias Alices, medos e dilemas. Cada vez que assistimos o filme, sonhamos de novo e Alice se torna outra, entre silêncios e sussurros. Eu me lembro agora da carta de Paulo Mendes Campos para sua filha Maria da Graça, ao completar 15 anos e receber Alice de presente. “Esse livro é doido, Maria, o sentido está em ti” (CAMPOS, 1979, p. 76).

5. Mercadoria

Alice olhou o seu reflexo na água do rio e ele se transformou numa menina boba e ingênua de avental azul, conhecida por muitos, em muitos anos, como a verdadeira Alice. Sua estória recriada em um desenho animado pela fábrica de sonhos de Walt Disney ganharia muito poder, diluindo no imaginário coletivo, as metamorfoses da menina que se transformava a todo momento. Inspirada nas ilustrações originais de Tenniel, essa Alice se tornaria o novo ícone máximo, impondo por um bom tempo para o grande público uma identidade fixa e hegemônica para a menina de muitas faces.

Assistindo o desenho, Alice lamentou o *nonsense* ter se convertido em lições de moral e bom comportamento. Como as princesas do Walt Disney, Alice do desenho se mostrou uma jovem indefesa e passiva diante de um mundo louco e sem sentido. O país das maravilhas mostrava a loucura para que ela pudesse desejar a sanidade. Mostrava o desajuste, para que ela desejasse se ajustar. Os personagens indicavam para ela como era o sistema, para que ela aprendesse a se integrar, andar na linha e assumir o seu papel na sociedade.

Alice percebeu que o desenho animado da Disney, ao mesmo tempo, revelava a sua história para o mundo e escondia seu potencial crítico e subversivo. Mas ao mesmo tempo, o filme da Disney se tornou um ícone na contracultura e na psicodelia dos anos 60, como um elogio ao surrealismo, à loucura e à criatividade. Alice ficou curiosa de ver como cada obra estava aberta para que se expandissem múltiplas leituras para sentidos contraditórios e muitas vezes paradoxais.

Alice descobriu que muitos anos depois, no início do século XXI, a Disney produziria outro filme sobre ela, dessa vez dirigido por um diretor *dark* e cheio de imaginação chamado Tim Burton¹⁰. Nesse filme, depois de muitos anos, Alice retorna ao país das maravilhas para cumprir sua missão de derrotar um terrível dragão, o Jabberwock, conforme tinha sido previsto numa profecia. Todos perguntam a ela: Você é a verdadeira Alice?

Alice concluiu que não. Nesse filme, o *nonsense* se encaixou em fórmulas reducionistas da concepção da saga do herói. Alice deveria virar uma guerreira, derrotar e destruir o inimigo num mundo maniqueísta, matar o dragão para então acordar e assumir seu papel colonialista de dominar o mundo. Alice retoma os projetos do pai de conquistar a China.

A verdadeira Alice, pensou, não é guerreira, mas aventureira. Não mata o inimigo, mas aprende com ele. Não quer conquistar o mundo, mas conhecer a si mesma. Para ela, o país das maravilhas não é um campo de batalha, mas uma viagem, um jogo, um jardim e uma aventura. Por isso, esse filme é tão insuportável, pensou Alice. Porque ele mostra o pesadelo e a loucura que vivemos no mundo de hoje.

De novo graças ao Tim Burton e à Disney com todo seu investimento na divulgação do filme, se fortaleceu de forma nunca vista, a presença de Alice no imaginário contemporâneo. Não só pelo que ele mostra, mas principalmente pelo que estimula. Mesmo da repetição insistente de signos de consumo, renascem possibilidades de novos devires e amizades com o tempo. Entre os satisfeitos e os insatisfeitos com o filme, podem surgir inúmeras possibilidades criativas e existenciais. Com o filme, tivemos a chance de ler o livro de novo, descobrir outras figuras, outras linguagens, outras viagens, produzir, criar, emocionar, descobrir e, enfim, dialogar e se aventurar, cada um ao seu modo, nesse mundo emocionante que ainda nos desafia a mergulhar também.

¹⁰Acessível em: <http://brasillewiscarroll.blogspot.com.br/search/label/alice>

6. Arisu



Figura 6: Kokusyoku Sumire

A primeira vez que li Alice, me imaginei caindo com ela até chegar ao outro lado do planeta onde as pessoas vivem de cabeça para baixo, isto é, para quem vive no Brasil, no Japão. Muitos anos depois, eu descobro que, no Japão, estão algumas das mais estimulantes Alices vivendo nos dias de hoje, no cotidiano da cidade de Tokyo, compartilhando sonhos, criando novos mundos. Meninas e meninos, que são crianças e adultos ao mesmo tempo, vestem-se de bonecas vitorianas, reinventando as ilustrações de John Tenniel, entre outras paixões e mimos. Entre gestos, trejeitos, aventais, rendas, meias, laços, babados, Alice vira um novo modo de viver na contracultura de bairros *alicianantes* como Harajuku, Shinjuku e Akihabara. Lugares onde se celebra a outridade e a alteridade, abraçando o maravilhoso dentro da cartografia contemporânea, viajando no tempo e na invenção de si.

O nascimento da cultura *Gosu-rori* (gothic Lolita) coincidiu com a publicação da tradução de *Fushigi no kuni no arisu* por Yagawa Sumiko, como me mostrou Sean Summers em *Arisu in Harajuku*¹¹. Ele é o meu coelho branco que me revelou essa realidade surpreendente e, em grande parte, mal compreendida. Sumiko estimulou o florescimento de uma contracultura que libera a imaginação das rotinas sociais repressoras e repetitivas, abrindo a possibilidade de novas amizades com o tempo.

O país das maravilhas (*Fushigi*) revela um atmosfera de sensações, incluindo encantamento, maravilhoso, mas também mistério, estranhamento e medo. *Fushigi no kuni no arisu* foi traduzido de modo a penetrar nas necessidades existenciais de uma geração, particularmente, de uma juventude marginalizada e desajustada que podia, assim, enfrentar o mal-estar, a depressão, a violência e a rejeição, através do maravilhoso manifestado no cotidiano.

Fushigi não sugere devaneio ou escapismo, aponta Sommers, mas uma terapêutica da criatividade e uma “alquimia da metamorfoses”. Uma subversão dos padrões do feminino, derrubando as fronteiras entre o que é feio e bonito, doce e perverso, violento e delicado. Lolitas buscam prolongar a infância e questionar a cultura dominante com jeito de criança e pose de boneca, numa brincadeira de ser ou não ser que atravessa as fronteiras entre arte e vida. Será que Hello Kittys comem morcegos? Será que morcegos comem Hello Kittys?

Mas é importante ter em mente que faz também parte da própria lógica da moda contemporânea o exercício da metamorfose ambulante. A criação e expressão do si como um exercício de criatividade virou também um jogo de mercado. Vivemos na cultura da diferença onde entram em cheque uma pretensa criatividade e um desejo de unicidade conformado em fórmulas de existir, como identifica Cristiane Mesquita. “A roupa pode ser um lugar de expressão num território existencial. Mas a moda também oferece no mercado identidades efêmeras de fácil substituição para serem consumidas” (MESQUITA, 2002, p. 121). Como distinguir uma coisa da outra? Alice nos desafia.

¹¹SOMERS, Sean. *Arisu in harajuku*. In: **Alice beyond Wonderland: essays for the twenty first century**. Edited by Cristopher Hollingworth. University of Iowa press, 2009, p. 199. O artigo de Sean Somers foi uma dos mais estimulantes textos sobre Alice que li recentemente. Graças ao seu artigo desenvolvi esse tópico.

7. Fringe



Figura 7: Yayoi Kusama

I, Kusama, at the modern Alice in Wonderland. Afirmou a artista japonesa Yayoi Kusama que, desde a década de 50, *alici*na mundos psicodélicos. Em pinturas, colagens, poemas, ousadias, esculturas, modas, estranhamentos e instalações surpreendentes compartilha padrões, repetições, obsessões e visões do infinito.

Durante anos internada por transtornos mentais, suas obras refletem sua desafiadora percepção da realidade, em que as fronteiras entre o corpo, o *self* e o ambiente se misturam e se mesclam em proliferações de pontos repetitivos que pulsam e vibram com o cosmo. *Todos somos loucos senão não estaríamos aqui*, disse o gato de Cheshire. Kusama cria jogos de espelho e caleidoscópios de padrões luminosos com efeitos deslumbrantes, incorporando uma visão quase alucinatória da realidade, numa experiência ao mesmo tempo sensória e espiritual.

Na década de 60, a artista foi para Nova York onde fez uma série de *happenings* políticos, numa filosofia de “Love forever”, promovendo uma reação contra a Guerra do Vietnã e todos os poderes autoritários, repressores e conservadores. Entre pinturas corporais e coreografias orgásticas, fez performance na escultura de Alice no Central Park, em 1968. Para Kusama, Alice era a avó dos hippies e ela se tornou Alice, um ano depois de Grace Slick cantar *White Rabbit* com Jefferson Airplane.

Kusama chegou ao Central Park como o chapeleiro, com seus dançarinos nus, convidando todos para a cena do chá que estava sendo servido debaixo do cogumelo mágico. Pontos vermelhos, verdes e amarelos podiam representar a terra, o sol ou a lua, para Kusama. Ela pintou bolinhas nos corpos presentes para que as pessoas desfizessem seus contornos para retornar “à natureza do universo”. Da crítica aos poderes opressores das rotinas sociais da cena do chá de Alice, a um movimento de amizade com o tempo, cruzando as fronteiras entre os corpos e os ritmos cósmicos, diluindo as fronteiras do eu.

Alice pode inquietar, intrigar, desestabilizar. Ela nos põe em contato com a incerteza, o imprevisível, a incoerência, a turbulência, o indomesticável. Rompendo com modelos de existência, as novas Alices devem inventar universos a partir da escuta de seus próprios territórios existenciais ¹². Alices se entregam para a grande vida e dizem: eu sou uma pergunta.

E se Alice não estiver no vestido, mas em suas dobras? Se não estiver no azul, mas na sombra e na luz de um prisma multicolor? Se não estiver no cabelo, mas nos rumores do seu movimento? Se não estiver no avental, mas nos vestígios de um encontro íntimo? Se não estiver nos sapatos, mas nos saltos, no desconhecido e nas incertezas de que caminho tomar? Se não estiver na figura, mas nos diálogos? Se não estiver nos diálogos mas no ponto de interrogação? Se não estiver nas palavras mas nos vazios que respiram entre elas? Se não estiver no comportamento, mas nas batidas do coração? Se não estiver no rosto, mas no sonho? Se não estiver no ser, mas no vir a ser?

¹²Idéias de Rosane Preciosa apropriadas para o universo de Alice. PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da Subjetividade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

Referências

- BRADLEY, Fiona. **Surrealismo**. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.
- BAITELLO, Norval. As imagens que nos devoram – Antropofagia e Iconofagia. **Portal de Comunicação Cultura e Mídia**. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iconofagia.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2011
- CAMPOS, Augusto. **O anticrítico**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1986.
- CAMPOS, Paulo Mendes. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1979.
- CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou lá**. São Paulo: Summus, 1980.
- CARROLL, Lewis. **Fushigi no Kuni no Arisu**. Tokyo: Esquire Magazine Japan, 2006.
- CUNHA, Maria Zilda da; THOMÁZ, Nathália Xavier. Os diálogos de Alice. **Revista sete fios**. Disponível em: <<http://www.revistasetefios.com.br/?p=3138>>. Acesso em: 10 Ago. 2011.
- DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. 3. ed. São Paulo: Editora perspectiva, 1974.
- FASHION THEORY: A revista da moda, corpo e cultura. V.1, n.2. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2002.
- HUBERT, Renée Riese. **Surrealism and the book**. 9. ed. University of California Press, 1988.
- MABILLE, Pierre. **Mirror of the marvellous**. 10. ed. Vermont: Inner Traditions Rochester, 1998.
- MACHADO, Regina. **Acordais**. 1. ed. São Paulo: DCL, 2004.
- MANGANELLI, Giorgio. **Pinóquio: um livro paralelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MESQUITA, Cristiane. Roupas território da existência. In: **Fashion Theory: A revista da moda, corpo e cultura**. 1. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, V.1, n.2. p.116–124, Jun.2002.

MORAES, Eliane Robert; MORAES, Eliane Robert. **O Corpo Impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

OVENDEN, Graham; DAVIS, John. **The illustrators of Alice in Wonderland**. London: Academy Editions. New York: Martin's Press, 1979.

PRECIOSA, Rosane. **Produção estética**: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da Subjetividade**: Sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

SUMERS, Sean. Arisu in Harajuku. In: **Alice beyond Wonderland**: essays for the twenty first century. 1. ed. Iowa: University of Iowa press, 2009, p. 199 – 216.